

RANKINGS UNIVERSITÁRIOS COMO FORMA DE LEGITIMAÇÃO: UMA ANÁLISE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA PARANAENSE

Weber Henrique Radael, Universidade Estadual de Maringá-UEM, wradael@hotmail.com
Jéssica Silva de Carvalho, Universidade Estadual de Maringá-UEM, jessica.jsc91@gmail.com

RESUMO

A importância dos rankings de universidades, em âmbito nacional e internacional, para a legitimidade das mesmas no campo institucional tem questionado os pesquisadores e dirigentes das instituições para um olhar mais atento neste quesito. O objetivo deste artigo foi compreender a influência dos indicadores de desempenho da internacionalização dos rankings como legitimidade para o campo institucional de uma Instituição de Ensino Superior pública. Para tanto, de uma lista de mais de 10 rankings disponíveis, selecionou-se dois rankings, um a nível nacional (Ranking Universitário Folha) e um internacional (*Times Higher Education World University Rankings*). O artigo desmembrou-se em duas partes, a primeira com o levantamento dos dados obtidos diante das listagens destes rankings e a segunda, uma entrevista semiestruturada com dois servidores envolvidos com a gestão da instituição estudada, Universidade Estadual de Maringá. Os resultados sugerem que uma melhor classificação nos rankings pode-se sugerir uma melhor visibilidade da universidade no campo institucional, isso repercute como uma reputação podendo engajar mais a comunidade externa; e sugerem que se compreenda a maior finalidade da internacionalização, que é formar um cidadão completo para a sociedade, para assim, construir um significado bem alicerçado para esse indicador.

Palavras chave: Legitimidade; Ranking; Universidade.

1 INTRODUÇÃO

Dos vários tipos de rankings existente atualmente¹, as Instituições de Ensino Superior (IES) passam a concorrer entre si e a ser classificadas pelo seu desempenho em indicadores promovidos pelos governos ou pelo setor privado, os quais tentam mensurar a qualidade das diversas áreas e serviços educacionais oferecidos (ORDORIKA; GÓMEZ, 2010).

Nessa lista de rankings de universidades, nacionais e internacionais, escolheu-se o Ranking Universitário Folha (RUF) e o *Times Higher Education World University Rankings* por considerá-los os mais importantes e influentes - são rankings de dois jornais já prestigiados, um no Brasil e outro na Inglaterra - no qual a universidade pesquisada está ranqueada em ambos.

O RUF é uma avaliação anual do ensino superior do Brasil realizado pela Folha² desde 2012 (RUF, 2019). O RUF trabalha com a avaliação de dois produtos principais: (1) o ranking das universidades brasileiras: foram avaliadas 196 universidades públicas e privadas em 2018 e o (2) ranking dos cursos destas universidades (RUF, 2019). Neste artigo, utiliza-se apenas o item 1 desta avaliação – ranking das universidades – por considerá-lo mais apropriado na análise da universidade.

No ranking das universidades, o RUF analisa cinco indicadores de desempenho que classificam as universidades, sendo eles: Ensino, Pesquisa, Mercado, Inovação e Internacionalização. Neste quesito, realiza-se um novo recorte para o estudo do artigo, analisar-se-á somente o indicador da Internacionalização que possui um peso de 4% (RUF, 2019). Escolheu-se a Internacionalização para o estudo pois é o indicador com o pior desempenho da universidade pesquisada, 59º lugar³.

O indicador da Internacionalização divide-se em dois componentes avaliados, (1) Citações internacionais por docentes – equivalente a 2% – que é a média de citações internacionais recebidas em 2016 pelos trabalhos dos docentes da universidade na plataforma do Web of Science e (2) Publicações em coautoria internacional – equivalente aos outros 2% – analisa o percentual de publicações de 2011 a 2015 em parceria com pesquisadores estrangeiros em relação ao total de publicações da instituição, também pela plataforma *Web of*

¹ Guia do Estudante; Ranking Universitário Folha; Times Higher Education World University Rankings; Ranking Web of Universities; U.S News & World Report – Education Ranking; Uni Rank Top 200 Latin America; Center for World University Rankings; Green Metric; Academic Rankings of World Universities; QS World University Rankings; NTU Ranking e outros.

² Folha de São Paulo, mais conhecido como Folha, é um dos principais jornais do Brasil fundado em 1921. O Folha é o jornal com maior circulação no Brasil, com 326.573 exemplares diários (IVC, 2018).

³ Segundo o ranking da RUF 2018.

Science (RUF, 2019).

Enquanto o RUF é um ranking nacional, optou-se em escolher um ranking de nível internacional para compreender a importância dessa visibilidade fora do país, neste caso foi selecionado o *Times Higher Education World University Rankings*⁴, mais conhecido como *THE World University Rankings* – que no artigo é intitulado somente como *THE*.

O *THE* foi fundado em 2004, sede em Londres, com o intuito de promover uma lista das 1.000 melhores universidades do mundo para ajudar os estudantes escolher onde estudar. O *THE* avalia ao total 13 indicadores de desempenho separados, cobrindo as cinco áreas de atividades essenciais de uma universidade importante, sendo: Ensino, Pesquisa, Citações, Parcerias com Empresas e Internacionalização (THE, 2019). Escolheu-se, também, o indicador Internacionalização do *THE* para o estudo do artigo, neste caso não por ser o pior indicador avaliado entre eles, mas para permanecer o mesmo indicador estudado nos dois rankings.

O indicador Internacionalização do *THE* possui uma nota de 7,5% entre todos os cinco indicadores de desempenho (THE, 2019). Segundo a mesma fonte, este indicador divide-se em três componentes - representando cada um 2,5% - sendo eles: (1) média da relação de estudantes internacionais pelos nacionais; (2) média da relação de funcionários internacionais pelos nacionais e (3) média da colaboração de pesquisas internacionais pelas nacionais. Assim, percebe-se que neste ranking avalia, também, a proporção de alunos e funcionários internacionais na universidade, ampliando o entendimento de internacionalização do ranking RUF.

Além de ranquear as 1.000 melhores universidades do mundo, o *THE* tem uma lista separada de ranking dos melhores cursos (grande área de estudo⁵). Isto é, nem todos os cursos das universidades são avaliados no ranking, ao contrário do RUF que avalia todos os cursos das 196 universidades ranqueadas.

De acordo com Ball (2002), os rankings permitem garantir certa legitimidade para as universidades. Sob as lentes da teoria institucional, a legitimidade pode ser entendida como uma percepção generalizada de que as ações de uma organização são reconhecidas e consideradas apropriadas, dentro de um sistema social construído de acordo com normas, valores e crenças (SUCHMAN, 1995). Assim, a legitimidade pode ser conferida de maneira formal e informal, pois dependerá da ação estar adequada às regras, mas também, a ação deve

⁴ Ranking do jornal britânico The Times, fundado em 1785.

⁵ Grandes áreas de estudos: Artes e Humanidades; Negócios e Economia; Ciência da Computação; Educação; Engenharia e Tecnologia; Lei; Ciências da Vida; Clínica, pré-clínica e saúde; Ciências da Física; Psicologia e Ciências Sociais (The, 2019).

estar relacionada com o sistema de significados aos agentes desse campo. Para Scott (2001), a sobrevivência e prosperidade das organizações, também dependem de aceitabilidade e credibilidade social.

O conceito de internacionalização da IES é definido como “o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2003, p. 2). No qual as IES podem internacionalizar de diversas formas, tais como: mobilidade internacional de estudantes, docentes e funcionários; atividades ministradas em língua estrangeira no próprio campus; cursos de idiomas oferecido na IES; artigos submetidos para revistas internacionais; interação entre docentes e discentes locais e estrangeiros; disciplinas focadas em aspectos estrangeiros, entre outros (CROWTHER *ET AL.*, 2009; IAU, 2007; OLIVEIRA; FREITAS, 2016).

Diante disto, o artigo objetivou compreender a influência dos indicadores de desempenho da internacionalização dos rankings como legitimidade para o campo institucional da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

O artigo está organizado da seguinte forma: na próxima seção será apresentada a revisão da literatura, discutindo a teoria institucional e a internacionalização no âmbito das universidades; em seguida, apresenta-se a metodologia, explicitando o procedimento para a coleta de dados; posteriormente, discutem-se os achados do estudo, apresentando a classificação da universidade nos rankings e a influência desses rankings; e, por fim, serão abordadas as conclusões e as limitações do estudo com sugestão para pesquisas futuras.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta os conceitos da literatura referente aos temas da teoria institucional e a internacionalização de universidades, na qual sustentam a pesquisa. Primeiramente apresenta-se os conceitos da teoria institucional, relacionando como o campo institucional influencia na instituição. Posteriormente, os conceitos da internacionalização no âmbito da universidade.

2.1 Teoria Institucional

A teoria institucional propõe a análise e compreensão das relações de interdependência entre a organização e seu ambiente (DIMAGGIO; POWELL, 1983). De acordo com Crubellate (2008, p. 1) os “ambientes e organizações são mutuamente explicativos, uma vez

que não há organizações que existam em um vácuo social”. Assim, essa abordagem defende que as organizações precisam se relacionar com o macro ambiente que estão inseridas para se desenvolver. Essa abordagem se divide entre o velho e o novo institucionalismo, ou melhor, entre a primeira e segunda fase da Teoria Institucional. E os trabalhos desenvolvidos por Meyer e Rowan (1977) e DiMaggio e Powell (1983) são os primeiros passos para o que posteriormente seria considerado como novo institucionalismo (DIMAGGIO; POWELL, 1983).

O foco dado a essa fase da abordagem institucional está nos aspectos cognitivos dos atores organizacionais, como intermediários entre as pressões contingentes e as respostas organizacionais, as organizações passam a ser compreendidas como um fenômeno socialmente construído, uma representação do conjunto das ações humanas, das interações culturais e políticas, de processos cognitivos e simbólicos que a constituem (CRUBELLATE; GRAVE; MENDES, 2004). É fato que os institucionalistas sociológicos voltaram-se mais ao interesse de explicar a uniformidade (isomorfismo) do que a diversidade das organizações. Entretanto, como Hall e Taylor (2003) afirmam, instituições são apenas o produto parcial de indivíduos racionais e esses raramente agem segundo uma única referência institucional e de modo totalmente responsivo a ela. Ou seja, é importante pensar na relação do ambiente, organização e ação do indivíduo como algo recursivo.

No novo institucionalismo, ressalta-se o aspecto da agência estratégica da organização, o que se desprende um pouco do isomorfismo, propondo explicações mais para a diversidade organizacional. As organizações são permeadas pelo ambiente “sob a forma de informação e, como toda informação, está sujeito aos problemas de comunicação e tomada de decisões que foram identificados. Informações ambientais são informações a serem processadas” (HALL, 2004, p. 204). Logo, os aspectos cognitivos são considerados para o processo de tomada de decisões, pois é o processo cognitivo que permite a interpretação das demandas institucionais, e que se vincula ao quadro comum de significados (SCOTT, 2008).

Compreender o fenômeno da legitimidade e sua íntima dependência dos processos de interpretação e construção de significado, presentes na nova vertente da teoria institucional, é importante para este estudo. Para Suchman (1995, p. 574), “legitimidade é a percepção ou pressuposição generalizada de que as ações de uma entidade são desejáveis ou apropriadas dentro de algum sistema socialmente construído de normas, valores, crenças e definições”. Se a organização está em conformidade com regras, leis, questões normativas e com o quadro cultural cognitivo prevalecente, será conferido a ela legitimidade. Essa legitimidade implica em um forte valor simbólico na medida em que se torna aparente para o meio em que tais

organizações estão inseridas (AMARANTE; CRUBELLATE; MEYER JR., 2016).

Crubellate, Pascucci e Grave (2008) entendem que a legitimidade é um requisito para a sobrevivência organizacional. Para Scoott (2001), a sobrevivência e prosperidade das organizações, também dependem de aceitabilidade e credibilidade social. Logo, entende-se que para a teoria institucional, a legitimidade é um importante requisito para a ação estratégica das organizações. E, portanto, pensar nessa legitimidade para as universidades é pensar nos sistemas sociais de significados que estão sendo construídos nesse campo. Ou seja, o que tem se tornado importante para legitimação das universidades. Nesse aspecto, estuda-se os rankings como algo que confere legitimidade às universidades.

2.2 Internacionalização de Universidades

A internacionalização da educação superior é “o processo no qual se integra uma dimensão internacional e intercultural ao ensino, à pesquisa e aos serviços de uma instituição” (KNIGHT, 1993, p. 7). O mesmo autor melhora, posteriormente, a definição para “internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2003, p. 2).

Perante as mudanças no campo institucional, percebe-se que as IES de países emergentes despertaram para as necessidades e benefícios da internacionalização das atividades de ensino e pesquisa para o desenvolvimento das mesmas (DAL-SOTO; ALVES; SOUZA, 2016). Segundo os mesmos autores, a tradição das instituições europeias e americanas permanecem influenciando as diretrizes que as IES de outros países, exemplo as brasileiras, seguem nas suas próprias instituições. Mas, segundo Veiga (2012) deve-se observar que a internacionalização é interpretada e utilizada de forma diferente em distintos países. Neste sentido, ressalta-se que as diferenças culturais entre os países e a própria diferença da cultura organizacional entre as IES altera como a internacionalização será operacionalizada em cada IES.

As possíveis razões para as IES conduzirem o processo de internacionalização são: razões políticas; econômicas; socioculturais e acadêmicas (DE WIT, 2002; KNIGHT, 1997). Diante da internacionalização das IES, Oliveira e Freitas (2016) apontam que os possíveis benefícios para as instituições são o desenvolvimento da cooperação entre as universidades; colaboração científica, tecnológica ou cultural; formação de equipes conjuntas de pesquisas; formação de diplomas compartilhados; mobilidade internacional dos alunos na graduação e

pós-graduação e mobilidade internacional dos docentes. Assim, a internacionalização de uma IES envolve não apenas um conjunto de políticas, mas também estratégias, ações e atores (OLIVEIRA; FREITAS, 2016).

Além deste conceito de internacionalização de IES, Robson (2017) apresenta a internacionalização em casa, isto é, no próprio campus da IES. Entende-se internacionalização “em casa” como o conjunto de atividades acadêmicas voltadas a oportunidades internacionais, sem a necessidade efetiva da mobilidade de docentes ou discentes nacionais para o estrangeiro (CROWTHER *ET AL.*, 2009; IAU, 2007), tais atividades podem ser disciplinas ministradas em língua estrangeira; cursos de idiomas oferecido no campus da IES; artigos submetidos para revistas internacionais; interação entre docentes e discentes locais e estrangeiros; disciplinas focadas em aspectos estrangeiros, entre outros.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender a influência dos indicadores de desempenho da internacionalização dos rankings como legitimidade para o campo institucional da Universidade Estadual de Maringá (UEM), optou-se pela pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa permite responder questões particulares de um caso, expressando-se as situações por meio de crenças, significados, valores, isto é, um nível de entendimento mais profundo das relações e fenômenos (MINAYO *ET AL.*, 2002). O método utilizado foi o descritivo, pois foram descritos os fatos e fenômenos de determinado realidade (TRIVIÑOS, 1987), neste caso, a realidade da UEM.

A coleta de dados delineou-se em dois momentos: (1) realizou-se uma pesquisa documental referente aos dados levantados dos dois rankings analisados – RUF e *THE* – e, posteriormente, (2) realizou-se uma entrevista semiestruturada com funcionários da UEM, com cargos na instituição que podem contribuir para o objetivo do artigo. E foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, com estes funcionários, a qual partiu de questionamentos apoiados na teoria, contudo, permitiu oferecer um amplo campo de interrogativas que surgiram conforme as respostas dos entrevistados, possibilitando a eles discorrer sobre o tema (TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 2002).

Diante disto, foram entrevistados 02 servidores da UEM, neste trabalho denominados como A1 e A2, ocupando funções de Assessores e em departamentos distintos na instituição. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas para uma melhor apreciação das informações coletadas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O conteúdo que segue sugere-se a análise e interpretação observadas perante a coleta dos dados secundários e nas entrevistas com os servidores da Universidade Estadual de Maringá.

4.1 Ranking Universitário Folha - RUF

Conforme a Tabela 1, no primeiro ano do levantamento do RUF, em 2012, a UEM estava na 19ª posição no ranking nacional e na 2ª posição no ranking estadual. No ranking nacional, estavam na frente da UEM 12 universidades federais, quatro universidades estaduais e duas universidades particulares (sem fins lucrativos) e no ranking estadual, só estava a Universidade Federal do Paraná (UFPR) na frente da UEM. Contudo, ao longo dos anos, a UEM foi perdendo posições no ranking RUF, em 2013 na 22ª posição, 2015 a 2017 na 24ª posição com a alteração da 2ª posição para a 3ª posição no ranking estadual em 2015.

Tabela 1: Ranking da UEM pelo RUF

Ano	Ranking Nacional	Ranking Estadual	Ensino 32%	Pesquisa 42%	Mercado 18%	Inovação 4%	Internacionalização 4%
2012	19°	2°	21°	20°	37°	14°	-
2013	22°	2°	17°	22°	57°	14°	47°
2014	23°	2°	23°	24°	32°	14°	75°
2015	24°	3°	22°	25°	35°	14°	69°
2016	24°	2°	21°	27°	29°	18°	63°
2017	24°	2°	22°	26°	30°	22°	56°
2018	25°	3°	23°	24°	32°	50°	59°

Fonte: Adaptado da Ruf (2018).

Em 2018, a UEM classificou-se na 25ª posição no ranking nacional, perdendo seis posições desde 2012, e em 3ª no ranking estadual, perdendo uma posição desde 2012. No ano de 2018 estavam na frente da UEM 17 universidades federais, cinco universidades estaduais e duas universidades particulares (sem fins lucrativos). As universidades que ultrapassaram a UEM no ranking do RUF de 2012 para 2018 foram: Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM),

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Os dois entrevistados, A1 e A2, acreditam que os rankings universitários têm criado um movimento no campo institucional das universidades, possibilitando uma legitimidade àquelas com posições mais vantajosas. Ao criar métricas e padrões para as avaliações das universidades, os rankings submetem a um certo enquadramento. Porém não é algo imposto somente de um lado, conforme a fala do entrevistado:

“De modo geral, (os rankings) têm influenciado muito e vai influenciar mais ainda, um movimento que parece recente na história das universidades, uma década no máximo, mas que já é forte e vai se tornar cada vez mais” [...] “aqui na UEM tem chegado agora esse movimento, mas se tende a tornar muito forte” [...] “tem influenciado? eu acho que já influencia e vai influenciar mais, em vários sentidos: vai homogeneizar mais ainda, porque as universidades como instituições fortemente institucionalizadas, elas já são muito parecidas, e eu acho que isso vai se tornar mais” [...] “a gente não pode com pouco custo abrir mão do ranking, porque a gente já de décadas que queremos crescer, melhorar, atrair bons alunos, se a gente quer tudo isso, o mecanismo hoje é o ranking, então não é que o ranking é algo determinista, eu insisto, os donos dos rankings querem impor isso? Não meu caro, eles estão jogando conosco, eles são espertos, eles fazem a gente desejar o ranking. As universidades estão alimentando isso, como você mesmo acabou de falar, a UEM alimenta isso (tais como outras universidades citadas) toda vez que a gente vai para mídia e diz: Oh, somos as melhores do Paraná, a segunda, a terceira, naquele momento, já reforçou o ranking, já fez o jogo” (Entrevistado A1).

Para o entrevistado A2, os rankings, mesmo sendo medidas simplistas para mensurar aspectos tão importantes, não podem ser negligenciados na UEM, pois, de certo modo, é a reputação perante os pares e, principalmente, para os novos alunos. Importante ressaltar que “existem pesquisas realizadas por algumas universidades do estado de São Paulo, que tem discutido a construção desses rankings [...]; Por mais que são indicadores que não representam tudo, mas de alguma forma é preciso definir um critério” (Entrevistado A2). Portanto, compreende-se às possíveis falhas desse sistema de mensuração das universidades, mas aqui pretende-se pensar como esses critérios têm sido utilizados na UEM.

Assim, escolheu-se o indicador de desempenho da Internacionalização por ser o pior indicador ranqueado pela UEM no RUF de 2013 a 2018, na colocação 59º em 2018. Contudo, se comparar a evolução/retrocesso entre os cinco indicadores avaliados, percebe-se que o

maior retrocesso é do indicador Inovação, perdeu 36 posições no ranking, enquanto a Internacionalização perdeu 12 posições. Mas, a Inovação é um indicador que poderia representar resultados não condizentes com a realidade do campo institucional da universidade pesquisada. Pois a avaliação deste indicador foi alterada em 2018 pela RUF, assim, a brusca diferença de 2017 para 2018 no indicador Inovação pode ser pelo fato da alteração dos critérios da avaliação.

A Tabela 2 demonstra o desmembramento do indicador Internacionalização nos dois componentes que são avaliados para finalizar o ranking final deste indicador (RUF, 2019). O primeiro é Citações internacionais dos docentes, que representa a média de citações internacionais dos docentes na base de dados da plataforma *Web of Science* e o segundo, publicações com coautoria internacional, representa a média de publicações internacionais com participação de autores estrangeiros (RUF, 2019).

Tabela 2: Ranking do indicador Internacionalização da UEM pelo RUF

Ano	Internacionalização 4%	1- Citações internac. Docente 2%	2- Public. coautoria internacional 2%
2012	-	-	-
2013	47°	-	-
2014	75°	33°	123°
2015	69°	32°	118°
2016	63°	28°	115°
2017	56°	32°	96°
2018	59°	28°	119°

Fonte: Adaptado da Ruf (2018).

Percebe-se que o componente 1, Citações internacionais dos docentes possui um ranking melhor que o ranking final da internacionalização, em 2018 o componente 1 classificou-se em 28°, enquanto o ranking final do indicador foi 59°. Essa diferença de posição entre o indicador final e o componente 1 reflete que o componente 2, Publicações com coautoria internacional está puxando para baixo a média final, pois o componente 2 está ranqueado em 119° posição.

Possíveis estratégias para a UEM subir no posicionamento do indicador Internacionalização é melhorar o componente 2, isto é, com uma evolução significativa neste componente e, ao menos, a permanência do componente 1, a média final do indicador de internacionalização sobe, corroborando com a teoria da Internacionalização em casa de Robson (2017), ao qual a internacionalização pode-se realizar no próprio câmpus da

universidade. Para tanto, uma das possibilidades para concretizar essa estratégia é conscientizar os docentes que realizaram o Pós-Doutorado no exterior para desenvolver pesquisas e escrever artigos com os pares dessas universidades estrangeiras. Esse aspecto é confirmado na fala de nosso entrevistado A2:

“Inserção é o *output*, o resultado das ações de internacionalizações. Então, quando eu saio para fazer um pós-doutorado no exterior, estou fazendo uma ação de internacionalização. Quando esse pós-doutorado resulta num artigo em co-autoria com um pesquisador de uma universidade estrangeira, eu estou fazendo uma inserção internacional. Então, é preciso pensar que temos que combinar as ações de internacionalização que de fato resultem numa inserção internacional de maneira consistente, pois assim eu consolido a internacionalização em uma universidade” (Entrevistado A2).

O que o entrevistado A2 pontua, que precisa ser construído dentro da UEM, alguns mecanismos que amarrem as ações de internacionalizações às inserções internacionais, propriamente dita. Por exemplo, “estabelecer um prazo, talvez de 1 ano, para que o professor, ao voltar do pós-doutorado, submeta um artigo para uma revista internacional em co-autoria com seu supervisor” (Entrevistado A2); e este reforça que “interagir com os pesquisadores lá de fora, não é uma maneira de ‘prostituição’ ou subordinação, mas trabalhar em parceria que possibilita a repensar o que é pesquisa, troca de aprendizados e experiência” (Entrevistado A2). Assim, de certa forma, aumentaria a média do componente 1 também, pois, algum percentual desses artigos seriam realizados em língua estrangeira e publicados em revistas internacionais.

Neste quesito, o entrevistado A1 conta uma experiência pessoal que teve ao realizar seu pós-doutorado na Itália e relembra que perdeu a oportunidade de escrever artigos com seus pares italianos, assim, ressentiu-se desta falta de entendimento sobre a internacionalização naquela época. Perante isso, o entrevistado até cogitou uma possível estratégia para a UEM “por que não criarmos um pré-requisito que para um novo pós-doutorado, o professor precisa comprovar parceria em artigos e pesquisas com os pares estrangeiros?”.

Conforme o entendimento de legitimidade por Suchman (1995) que é a percepção ou pressuposição das ações desejáveis para as demais instituições do campo, percebe-se uma movimentação de outras universidades, estaduais e federais, para analisar e discutir o resultado dos rankings e quais atitudes a serem tomadas. Neste sentido, ressalta-se a importância da UEM atentar às essas ações dos rankings e das outras universidades que pode-

se tornar legítimas, assim, o cuidado da UEM não se isolar do campo institucional. A discussão não está em considerar o ranking como uma cartilha a ser seguida pela instituição, mas como Crubellate, Pascucci e Grave (2008) mencionam que a legitimidade é um requisito para a sobrevivência da organização, conforme também observado na fala do entrevistado:

“Então (com o ranking) ganha muita legitimidade, então ranking hoje em dia é uma fonte de legitimidade. A universidade que não perceber isso vai ter problemas sérios e as que perceberem isso e trabalhar nisso, vai avançar, você muito bem sabe que a USP está abrindo um escritório para cuidar somente de ranking” [...] “Então, porque a USP que é a primeira (colocada nos rankings) e por um bom tempo não vai deixar de ser (a primeira colocada) é a primeira (universidade) a se preocupar com o ranking, porque ela está à frente e já sabe da importância disso e não quer perder, porque já sabe se perder as posições será um desastre para eles (USP)” (Entrevistado A1).

E ao questionar o entrevistado A1 que quando uma universidade, a primeira colocada no ranking no Brasil e na América Latina, aceita o ranking e cria uma comissão de inteligência para tratar somente de assuntos de rankings universitários, se com isso, ela propaga essa legitimidade no campo institucional, reforçando o movimento para as universidades menores, o entrevistado comenta:

“Tem um processo de dupla mão, quando a USP faz isso, ela legitima os rankings e angaria mais universidades, é um reforço mútuo, imagina uma universidade como a Stanford, as norte americanas, um certo dia elas dizem que como somos as melhores, não me interessam mais e saem dos rankings, imagina um ranking que não consegue pontuar as norte americanas, é um ranking que as outras não queiram seguir seguramente, então é isso, seguramente os rankings também se tornam muito relevantes quando as melhores universidades mundiais (norte americanas, europeias, japonesas, asiáticas, australianas) querem estar nesses rankings. Se em um qualquer contexto geográfico dizer que esse ranking não faz sentido e sai, perde a credibilidade, então sim, você tem total razão dizer isso, então ela (USP) valoriza o ranking” (Entrevistado A1).

4.2 THE World University Rankings – THE

A lista de ranking mais atualizada do *THE* é a do ano de 2019 e possui um total de um pouco mais de 1.250 universidades avaliadas entre os cinco continentes e a base de dados utilizada para o levantamento dos dados é a plataforma *Elsevier* (THE, 2019). Desde a

fundação em 2004 do *THE*, a UEM foi classificada nos anos 2019, 2018 e 2017, perdendo posições do ano 2017 para o ano 2018, conforme a Tabela 3. Até o ranking 199º, as universidades são classificadas ranking por ranking, a partir disto são classificadas em blocos (*THE*, 2019). A UEM ficou classificada no bloco mais que 800ª posição mundial em 2017 e em 1001+ (mais que a posição milésima) em 2018 e 2019 entre as universidades dos cinco continentes.

Tabela 3: Ranking da UEM pela *THE*

Ano	Ranking Internacional	Ranking América Latina
2019	1001+	-
2018	1001+	71 - 80
2017	>800	61 - 70

Fonte: Adaptado da Ruf (2018).

Como a metodologia⁶ do ranking do *THE* é diferente da RUF, os dados dos cinco indicadores no *THE* são demonstrados em pontos e não em posição, conforme a Figura 1. Como informado anteriormente, o indicador Internacionalização no ranking *THE* não foi escolhido por ter representado o pior indicador avaliado da UEM, pois o indicador Pesquisa e Citações obtiveram uma pontuação menor, 10 e 6.4 respectivamente. Mas, ainda, o indicador Internacionalização é um ponto crítico para a UEM, devendo ser observado e trabalhado entre os departamentos responsáveis da universidade, conforme apontado por ambos entrevistados:

“Por exemplo, no caso da UEM, que está entre as 25 melhores do país, a internacionalização é inescapável, não tem escolha mais no sentido da gente poder abrir mão disso, uma vez que estamos entre as melhores do país, internacionalizar é quase fatal, necessário, que hoje a internacionalização seja necessário quase, muito importante” (Entrevistado A1).

E também pontuado pelo entrevistado A2:

“Consigo enxergar a internacionalização, como um caminho para ajudar a UEM a melhorar o posicionamento do ranking, não só nos

⁶ Metodologia do *THE* disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/student/advice/how-use-rankings-frequently-asked-questions>. Metodologia do RUF disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2018/0-ruf/ranking-universidades/>. O ranking RUF também fornece os dados em pontos, mas no artigo preferiu-se utilizar a metodologia da posição dos indicadores.

índices de internacionalização propriamente ditos, mas também em outros índices, como um *spillover*, ou seja, um transbordamento desse esforço de internacionalização. Embora isso ainda não seja visto de maneira concreta na universidade” (Entrevistado A2).

Porém, necessita-se entender melhor o conceito de internacionalização para o contexto brasileiro, para Crowther *et al.* (2009) pode-se haver oportunidades internacionais sem a necessidade efetiva da mobilidade de docentes ou discentes nacionais para o estrangeiro, isto é, artigos escritos com pesquisadores estrangeiros já é um modo de internacionalização em casa.

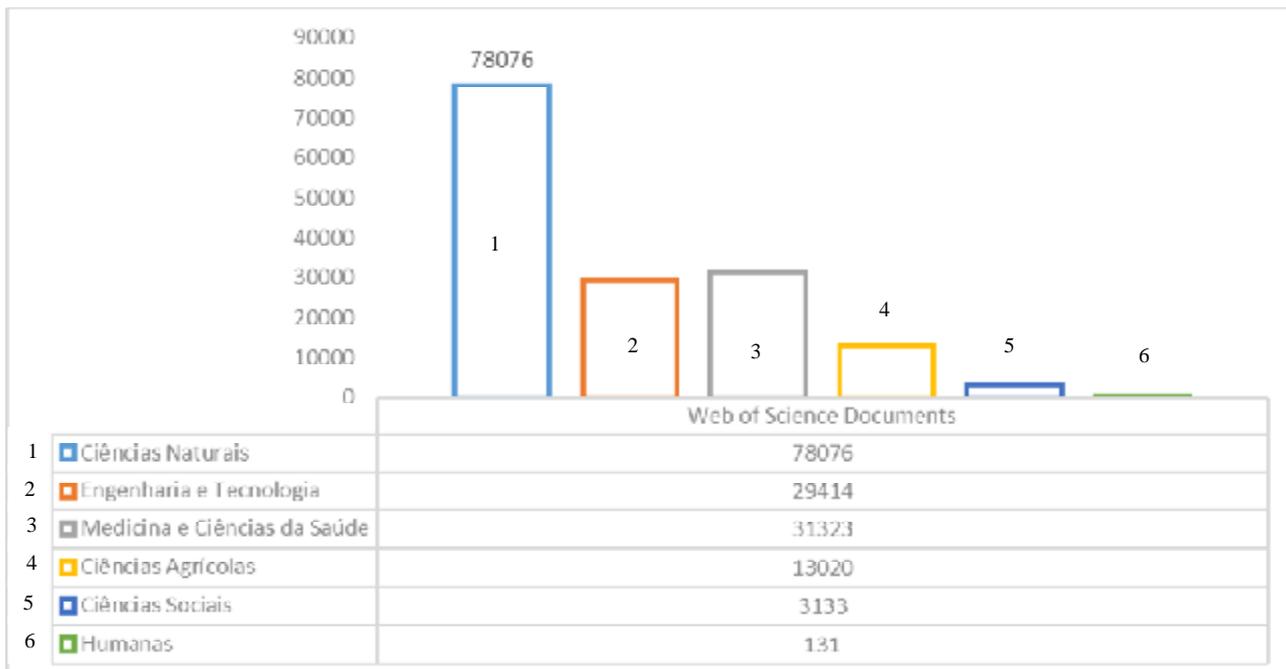
Figura 1: Ranking geral e por cursos da UEM pelo *THE*

	2019	Ranking	Geral	Ensino	Pesquisa	Citações	Parceria Empresas	Internacionalização
GERAL	UEM	1001+	9.8 - 18.9	20.7	10	6.4	34.4	16
CURSOS	Clinica, pré-clínica e saúde	601+	13.9 - 22.7	14.3	9.1	18.8	41.6	16.4
	Ciências da Vida	601+	7.6 - 20.1	18.8	10.7	7	30.9	14.7
	Ciências da Física	801+	8.2 - 17.2	15.6	6.2	16.1	30.7	17.7
	Engenharia e Tecnologia	801+	9.0 - 15.3	12.6	5.9	21	30.1	21.2
	Artes e Humanas	-	-	-	-	-	-	-
	Negócios e Economia	-	-	-	-	-	-	-
	Ciências da Computação	-	-	-	-	-	-	-
	Educação	-	-	-	-	-	-	-
	Lei	-	-	-	-	-	-	-
	Psicologia	-	-	-	-	-	-	-
Ciências Sociais	-	-	-	-	-	-	-	

Fonte: Adaptado da *THE* (2019).

Percebe-se que os cursos da UEM estão melhor ranqueados que a própria universidade em geral, tem dois cursos no ranking 601+ (Clínica, pré-clínica e saúde; e Ciências da Vida) e dois cursos ranqueados em 801+ (Ciências da Física; e Engenharia e Tecnologia). Cursos estes que recebem mais recursos para pesquisas pelo fomento de financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no Brasil, conforme visto na Figura 2.

Figura 2: Financiamento CNPq Brasil por áreas (2011 – 2018)



Fonte: Web of Science Documents, (2019).

Ressalta-se aqui que os cursos da UEM com posições vantajosas nesse ranking, pode levar a internacionalização com maior rigor, fomentando ações e amarrando bem com a inserção internacional, efetivando a internacionalização no curso. Nesse sentido, como comentado pelo entrevistado A2, “o próprio posicionamento no ranking pode gerar um círculo virtuoso (ou vicioso), isso gera atratividade e mais procura por alunos e pesquisadores estrangeiros, e mais parcerias em publicações internacionais”.

Conforme a Figura 3, compara-se a UEM com as cinco primeiras colocadas no ranking *THE* da América Latina, no qual a UEM ocupa a posição entre 71-80. Diante desse resultado, demonstra-se, novamente, que o ponto crítico da UEM nos rankings é o indicador Internacionalização, que está entre as piores avaliações juntamente com o indicador Citações. Observa-se que a pontuação dos outros três indicadores como a Parceria com empresas, Pesquisa e Ensino superam de algumas universidades que se encontram entre as cinco melhores da América Latina.

Figura 3: UEM comparado com as cinco melhores universidade da América Latina pela *THE*

2019	País	Universidade	Ranking Região	Ranking Geral	Geral	Citações	Parceria Empresas	Internacionalização	Pesquisa	Ensino
	Brazil	Universidade Estadual de Maringá	71 - 80	1001+	9.8 - 18.9	6.4	34.4	16	10	20.7
	Brazil	Universidade de São Paulo	1	251 - 300	16.1 - 19.1	37	39.5	32.7	53.5	55.9
América Latina	Brazil	Universidade de Campinas	2	401 - 500	37.1 - 41.6	38.4	44.6	28.6	37.5	46.8
	Chile	Universidade de Desarrollo	3	401 - 500	37.1 - 41.6	91.3	33.5	15.6	8.2	12.5
	Chile	Universidade Diego Portales	4	401 - 500	37.1 - 41.6	90.1	34	51.2	10.3	13.2
	Peru	Universidade Peruana Cayetano Heredia	5	501 - 600	33.5 - 37	76.3	31.7	15.9	11.5	15.1

Fonte: Adaptado da *THE* (2019).

Isto é, um fator relevante que demonstra a necessidade em aprimorar as estratégias para a internacionalização da UEM, não somente para atrair estudante estrangeiros ou subir em rankings nacionais ou internacionais, mas para ter mais publicações e citações em revistas internacionais e parcerias com pesquisadores estrangeiros. Isso é corroborado pelo entrevistado A2, quando é mencionado sobre os resultados indiretos que a internacionalização pode trazer:

“A interação permite ver formas diferentes de fazer as coisas, não apenas técnicas, diz respeito a formas diferentes de pensar a pesquisa. Enxergar jeitos diferentes de se fazer pesquisa, e construir formas de fazer pesquisa, construir problemas de pesquisa que resultem em artigos científicos que façam mais sentidos para uma publicação internacional [...]; melhora o nosso desempenho no quesito pesquisa, bem como no quesito extensão, na interação com a sociedade pois os resultados têm que estar no mundo real” (Entrevistado A2).

Ressalta-se que essa necessidade não quer dizer que deve-se dar prioridade em escrever em língua estrangeira e, portanto, depreciar a língua nativa dos pesquisadores brasileiros, mas ratifica a necessidade em desenvolver mais pesquisas com pesquisadores internacionais, agregando alto conhecimento para ambas as partes. Neste aspecto, percebe-se, nas falas do entrevistado A2, que uma grande barreira encontrada na UEM, para se publicar em línguas estrangeiras, como o inglês, é a cultura instituída de acreditar que isso é submissão à uma linguagem hegemônica, ou depreciação da linguagem nativa. Assim, “as barreiras culturais precisam ser ultrapassadas, para não perder o ‘bonde’ do ensino superior no Brasil, não apenas da internacionalização, e isso demanda um esforço enorme cultural, o que é mais difícil que dinheiro” (Entrevistado A2).

5 CONCLUSÕES

Uma análise prévia dos rankings sugere que se a UEM determinar estratégias para melhorar a Internacionalização da universidade perante a sociedade global, automaticamente melhorar-se-á os indicadores nos rankings. Caso o objetivo da universidade seja subir a pontuação nos rankings, não necessariamente precisa trabalhar ranking por ranking, pois os dois rankings analisados possuem uma base praticamente comum na avaliação.

Contudo, essas estratégias não são simples de serem implementadas na universidade, devido a diversas barreiras, sendo uma delas a questão cultural, como exposto pelo entrevistador A2. E sugerido por este, que uma maneira inicial seria “mudar a forma como a gente (comunidade acadêmica da UEM) pensa a finalidade da internacionalização[...]; não é o ranking pelo ranking, é preciso fazer sentido, quando olhar para eles, fazer sentido”, pensando na formação social dos alunos (um cidadão mais completo para o mundo: tolerante, solidário, respeito, aceite a diversidade e diferença), seja para os que vem, como para os que vão.

Como observado nos resultados do ranking *THE*, possuem outros dois indicadores que são críticos na avaliação dos rankings para a UEM, a Pesquisa e Citações. Porém, analisa-se que ao melhorar o indicador de desempenho da internacionalização, que conforme Crowther *et al.* (2009) pode-se aumentar a internacionalização sem sair do câmpus, aumentar-se-á os números das pesquisas com pares internacionais e, possivelmente, o número de citações, fazendo estes outros dois indicadores aumentar também.

Seguindo o entendimento de Suchman (1995), sobre a legitimidade como a percepção generalizada das ações desejáveis para as demais instituições do campo, é válido considerar que os rankings têm se tornado uma maneira de conferir legitimidade às universidades. Tanto que, os dados analisados corroboram, apresentando movimentações nas atitudes tomadas em outras universidades, estaduais e federais, considerando e discutindo os resultados de rankings. É relevante compreender que, mesmo com métricas mais quantificadoras do que qualificadoras, tais rankings têm ganhado muita importância no campo acadêmico. Tanto que os rankings estudados neste artigo, tem a possibilidade de dar visibilidade, confiança e legitimidade às universidades bem ranqueadas, um ponto que o entrevistado A1 confirma ao relatar que os rankings legitimam, homogeneizam as universidades e com isto, melhora a comunicação com o governo e com a sociedade.

Como Crubellate, Pascucci e Grave (2008) mencionam, a legitimidade é um requisito para a sobrevivência da organização. Como discutido que os rankings podem conferir tal

legitimidade, salienta que a UEM deve atentar-se às ações estratégicas considerando “melhorar” sua posição em alguns rankings, tomando o cuidado de não se isolar das ações significativas para o campo. Assim, conclui-se da importância de compreender que os rankings vêm construindo um sistema de significados para o campo das universidades.

Algo a se questionar com os dois rankings analisados, e também considerando os outros não estudados, são as procedências das informações. Isto é, a veracidade e a confiabilidade dos dados para o levantamento das pontuações das universidades. Não é um questionamento para suspeitar da credibilidade dos rankings, pois ambos os rankings são de jornais prestigiados, mas é uma questão a se fazer. Por que a universidade caiu muito no ranking? Por que a universidade subiu muito no ranking?

De acordo com uma matéria sobre o ranking *THE* do Jornal Estadão publicado em 15 de janeiro de 2019, as universidades estaduais de São Paulo estão criando “núcleos de inteligência” para aprimorar a performance acadêmica, que “são escritórios ou comissões que fazem a ponte com as agências responsáveis pelas principais avaliações e dão dicas práticas a pesquisadores sobre a melhor visibilidade das publicações científicas” (ESTADÃO, 2019), isto é, uma possibilidade que pode aplicar na UEM.

Diante disto, ao compreender que a internacionalização no contexto brasileiro pode ser diferente de outros contextos - principalmente o norte americano e o europeu - entende-se que as universidades não são mais locais ou regionais, e sim, universidades globais. Isto é, o espaço físico deixa de ser o câmpus da universidade, e a interação com pesquisadores internacionais; revistas internacionais; e parcerias com docentes/discentes/empresas internacionais amplia o escopo e desenvolve ações benéficas para ambas as partes

7 LIMITAÇÕES E FUTUROS ESTUDOS

Mesmo considerando o ranking nacional RUF e o internacional *THE* como os principais rankings que influenciam o campo institucional da UEM, uma possível limitação do estudo foi ter escolhido somente esses dois rankings em uma lista de inúmeros outros, conforme já apresentado no artigo.

Como estudos futuros sugere-se estudar o indicador Inovação do RUF, por ter perdido 36 posições no ranking entre os anos de 2012 a 2018, e analisar possíveis influências deste indicador no campo institucional da UEM ou de outras universidades brasileiras. Percebe-se, também, essa preocupação sobre inovação e parcerias com empresas na fala do entrevistado

A1 “devemos melhor muito, mas muito ainda, no quesito de trabalhos conjuntos com as empresas”.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, J. M.; CRUBELLATE, J. M.; MEYER JUNIOR, V. Estratégias em universidades: uma análise comparativa sob a perspectiva institucional. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, Florianópolis, p. 190-212, 2017.

BALL, S. J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 2, p. 3-23, 2002.

CRUBELLATE, J. M.; GRAVE, P. S.; MENDES, A. A. A Questão Institucional e suas Implicações para o Pensamento Estratégico. **RAC - Revista Administração Contemporânea**, n. Especial, p. 37-60, 2004.

CRUBELLATE, J. M. **Ambiente Organizacional**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CRUBELLATE, J. M.; PASCUCCI, L.; GRAVE, P. S. Contribuições para uma visão baseada em recursos legítimos. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 48, n. 4, p. 8-19, 2008.

DAL-SOTO, F.; ALVES, J. N. & SOUZA, Y. S. DE. A Produção Científica Sobre Internacionalização da Educação Superior na Web of Science: Características Gerais e Metodológicas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 229-249, 2016.

DE WIT, H.. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Greenwood Studies in Higher Education, 2012.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizations fields. **American Sociological Review**, v. 48, april, p. 147-160, 1983.

ESTADÃO. USP, Unesp e Unicamp caem em ranking internacional; veja a lista. Disponível em: https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/usp-unesp-e-unicamp-caem-em-ranking-universitario-internacional.70002679634?utm_source=estadao:whatsapp&utm_medium=link. Acessado em 16 de janeiro de 2019.

HALL, P; TAYLOR, R. As três versões do neo-institucionalismo. **Lua Nova**, v. 58, n. 1, p. 193-223, 2003.

HALL, R. H. **Organizações: estruturas, processos e resultados**. 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

IVC, INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. Disponível em: <https://ivcbrasil.org.br/#/home>. Acessado em 02 de janeiro de 2019.

KNIGHT, J. **Internationalization: management strategies and issues**. International Education Magazine, v. 9, 1993.

KNIGHT, J. **Internationalization of higher education: a conceptual framework**. In Jane Knight and Hans de Wit (Eds), Internationalization of higher education in Asia Pacific Countries. Amsterdam: European Association for International Education, 1997.

KNIGHT, J. **Updating the definition of internationalization**. International Higher Education, Chestnut Hill, v. 33, n. 3, p. 2-3, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. & GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria métodos e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, A. L. DE; & FREITAS, M. E. DE. Motivações para Mobilidade Acadêmica Internacional: A Visão de Alunos e Professores Universitários. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 217-246, 2016.

ORDORIKI, I. & GÓMEZ, R. R. El ranking Times en el mercado del prestigio universitario. **Perfiles Educativos**, v. 32, n. 129, p. 8-22, 2010.

ROBSON, S. Internationalization at home: internationalizing the university experience of staff and students. **Educação** (Porto Alegre), v. 40, n. 3, p. 368-374, set.-dez, 2017.

RUF – RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA. O que é Ruf. <http://ruf.folha.uol.com.br/2018/o-ruf/>. Acessado em 02 de janeiro de 2019.

SCOTT, W. R. **Institutions and organizations**. 2. ed. london: SAGE, 2001.

SCOTT, W. Approaching adulthood: the maturing of institutional theory. **Theory and Society**, v. 37 (5), p. 427-442, 2008.

SUCHMAN, M. C. Maning legitimacy: strategic and institutional approaches. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 3, p. 571-610, 1995.

THE – TIMES HIGHER EDUCATION WORLD UNIVERSITY RANKINGS. About: Everything you need to know about Times Higher Education's global portfolio of university rankings. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/about-the-times-higher-education-world-university-rankings>. Acessado em 03 de janeiro de 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, F. H. Internacionalização da investigação e do ensino em Psicologia e Educação: demandas Portugal-Brasil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 149-158, 2014.